



**A INTOLERÂNCIA MATA: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA,
ESTÉTICA, POLÍTICA E HUMANIZADORA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS EM UM VIÉS DA PEDAGOGIA
HISTÓRICO-CRÍTICA**

Marcos Antonio dos Santos ¹
Giovana Bianca Darolt Hillesheim ²

“A convicção de que todos os seres humanos
têm o direito a ser igualmente respeitados
pelo simples fato de sua humanidade
é a ideia central do movimento
em prol dos direitos humanos”

Flávio Maria Leite Pinheiro

RESUMO: ‘A INTOLERÂNCIA MATA - o morticínio da boate Pulse³ expressa bem essa deformação da condição humana, que começa na educação e nos discursos segregacionistas, assumindo proporções devastadoras em mentes radicais ou perturbadas. DC 14 jun 2016⁴’ A notícia soou em diversas mídias, um atentado terrorista na Boate Pulse (E.U.A.) chocou a sociedade e mobilizou a opinião pública global, suscitando reflexões acerca das questões relativas à intolerância e a discriminação nas distintas faces: étnico-racial, de gênero, religiosa, social etc. A banalização da vida humana, de outros seres vivos e da necessidade de estabelecer-se outras formas de relação com o meio ambiente parecem soar inatingíveis, coisa de obra de ficção científica, porém, podem ser percebidas em alguns minutos ouvindo e/ou assistindo a alguma forma de noticiário, *podcast*, ou em um *post* de plataformas digitais. A revisão de algumas anotações feitas durante a semana de formação dos professores da EJA,

¹ Mestrando do Prof-Artes na Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, Professor de Artes nas redes públicas Municipal e Estadual tropeiraspaisagens@gmail.com

² Professora orientadora: Doutora pela Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, Professora no Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Xanxerê giovana.bianca@ifsc.edu.br

³ A boate Pulse é uma das casas noturnas mais emblemáticas da causa da comunidade LGBTQIA+ na Flórida e nos Estados Unidos. Fundada em 2004 e faz parte de uma rede comunitária dinâmica na Flórida para "despertar as consciências" sobre o respeito às diversidades e pluralidades humanas nos Estados Unidos e no mundo.

⁴ Texto de abertura do Editorial do Diário Catarinense: jornal semanal de maior circulação em Santa Catarina desde 1986. No período da presente escrita dispúnhamos de alguns exemplares nas escolas para uso nas práticas pedagógicas junto aos alunos.



ministrada pela equipe pedagógica da instituição⁵, deparei-me com duas questões-chave: Como trazer a cultura local, nacional e internacional/global para as aulas de Artes no CEJA? Quais conteúdos, obras e artistas não poderiam faltar na curadoria educativa para compor o planejamento das aulas? E as estratégias didáticas que melhor poderiam oportunizar aos alunos conhecer, apreciar e fazer/produzir/vivenciar as artes na escola? Optou-se pela sequência didática quinzenal para o planejamento e a organização dos conteúdos a serem apresentados aos alunos. Toda aula/encontro tínhamos uma sequência de atividades e estudos que iniciavam e no mesmo período havia um fechamento das ações pedagógicas daquela aula (a organização das aulas no CEJA naquele momento eram 5 aulas por período). Oficinas que pudessem oportunizar a experimentação e a criação artística em materialidades, linguagens e técnicas diversas estavam na pauta de cada aula/encontro. Sempre alinhavadas ao planejamento (conteúdos, obras, artistas e linguagens da arte a serem trabalhadas). Saídas de estudos em instituições culturais, com vistas à ampliação de repertório em exposições temporárias, acervos permanentes e/ou apresentações artísticas com temáticas relacionadas aos estudos também compuseram as possibilidades de ações pedagógicas com as turmas. Oportunamente, tinha deparado com o editorial do DC e com a leitura de algumas matérias a respeito do ato terrorista ocorrido na Pulse e percebi a necessidade de elencar a temática da (IN)tolerância no planejamento e conseqüentemente nas ações das aulas. Então, organizei uma roda de conversa com os alunos da turma 4M do Ensino Médio do CEJA em Criciúma/SC, justamente porque naquele momento discutia-se a proposta sobre a produção que seria apresentada na Mostra do Projeto de CCTT⁶ do CEJA com a temática dos Direitos Humanos em pauta, a fim de fomentar a elaboração dos projetos das disciplinas curriculares da EJA. Cada disciplina tinha a incubência e a autonomia de organizar seu projeto do semestre, levando em conta os conteúdos indispensáveis a serem ensinados aos alunos, no desenvolvimento de repertórios, habilidades e aquisição da cultura mais elaborada produzida

⁵ O Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA Criciúma/SC objetiva a oferta de escolarização aos jovens, adultos e idosos que por diversas razões não realizaram seus estudos no tempo considerado ideal; No PPP da escola encontrei fundamentos para o planejamento e a organização de sequências didáticas que privilegiasse encontros com a arte e a cultura. Como o compromisso do CEJA com os seus estudantes em criar e ofertar “oportunidades apropriadas considerando suas características, interesses, condições de vida e de trabalho” requer ações pedagógicas muito específicas, que propiciem “uma formação reparadora, equalizadora e qualificadora que dê condições para a construção da cidadania e de sua identidade”.

⁶ **CCTT - Ciência Cultura Tecnologia e Trabalho:** este Projeto do CEJA/Criciúma visa contribuir para que as disciplinas do currículo estabeleçam relações dos conteúdos curriculares com a vida cotidiana, adquirindo então mais sentido para a vida dos alunos da EJA. Ocorre concomitante aos estudos em forma de projeto e, tanto do ponto de vista prático como intelectual, cria condições para a superação de uma educação bancária. Além de oportunizar aos alunos uma conexão/abertura para discussões relevantes no mundo contemporâneo, com seus problemas, dilemas, contradições e possíveis soluções que podem ser buscadas. (Recorte do PPP da EJA)

pela humanidade. E esperava-se que este projeto da disciplina estivesse conectado à temática do projeto proposto pelo CEJA com uma temática que pudesse possibilitar a contextualização com temáticas urgentes e pontuais no contexto de sociedade: uma formação o mais ampla e que pudesse aproximar os alunos dos desafios pertinentes à vida em sociedade. O que destacaria importante na escola, sobretudo quando se trata da escolarização ofertada à jovens e adultos que retornaram ao ambiente escolar formal: e o desafio de aproximar indivíduos de tempos, lugares, objetivos e expectativas tão diversas no que tange à escola. Em Artes, havia proposto aos alunos estudos sobre os Direitos Humanos com um enfoque à condição feminina na contemporaneidade e às questões de identidade e autoria nos processos de criação, lutas de gênero, mercado de trabalho, liberdade, igualdade de direitos e as produções de mulheres artistas - visto que a maioria da turma era composta por mulheres. E os momentos de planejar e replanejar foram exigindo deste professor uma reflexão e pesquisa constantes, objetivando criar condições para que os alunos(as) no seu fazer artístico pudessem se expressar, mas também reelaborar os conceitos trabalhados naquelas aulas. E ainda pudessem ‘topar’ o desafio das proposições pedagógicas de criar potentes discursos em prol da dignificação do ser humano e de uma cultura de paz pelas vias da arte. O que constatou-se nas criações individuais e/ou coletivas no passar do semestre, ao deparar-me com trabalhos artísticos feitos em técnicas, linguagens e materialidades diversas ao longo das aulas/encontros. E o respaldo para proposições didáticas com um caráter transformador amparou-se na Pedagogia Histórico-Crítica, nos pressupostos propostos por Demerval Saviani, uma concepção baseada na prática educativa questionadora, crítica e comprometida com a transformação social, pontos basilares na organização das práticas pedagógicas da EJA. O artigo de opinião do DC relatava o ocorrido na boate Pulse ao mesmo tempo em que evidenciava algumas das aflições éticas, de desrespeito, negligência e ataques ferozes aos direitos humanos na contemporaneidade: barbáries reveladoras do extremo de atos de intolerância, preconceito, discriminação, imposição de verdades e discursos absolutos, carregados de ódio, discursos segregacionistas, fundamentalismo religioso e motivações perversas. E o movimento dialético do materialismo-histórico acolhe precisamente as contradições para impulsionar a superação por incorporação no processo ensino-aprendizagem. E apresentar poéticas que disparasse processos de criação em uma viés sensível, questionador, reflexivo e que instauraram um ritmo diferente do frenético cotidiano dos alunos nas linhas de produção de empresas, na prestação de serviços ou nos trabalhos braçais em condições difíceis desenvolvidos pela maioria da turma, foi abrindo espaço para a exposição de envoltivos narrativas biográficas e autobiográficas. Enquanto os atos do ocorrido na Pulse expressavam um elevado grau da

deformidade da condição humana, de intolerância, desrespeito e uma inversão dos valores universais basilares dos Direitos Humanos, os quais servem de fundamento à vida em sociedade mais justa, igualitária e com oportunidades a todas as pessoas. Na sala de aula, os desenhos e bordados do artista cearense José Leonilson (1957-1993), obra de caráter autobiográfico e praticamente um diário íntimo, teceram afinidades das alunas(os) com a ancestralidade das artes têxteis e traziam à tona memórias familiares, questões relativas ao autorreconhecimento e pertencimento na vida em sociedade. Somadas às potentes, politizadas e engajadas produções da artista Rosana Paulino (1967), o que chamei de ‘exercícios poéticos bordados’ constituíram importantes exercícios para a percepção desse outro lugar das artes têxteis quando abordadas na sala de aula pelo viés da criação e da produção artística. Visto que historicamente as artes têxteis foram relegadas aos afazeres domésticos e atividades femininas para o lar - e, infelizmente, ainda há vestígios vigentes destas questões e práticas na sociedade, o que não aprofundaremos neste momento. Considerarei as questões apontadas pelo editorial do jornal pontuais de serem debatidas, expostas e estudadas com atenção e intenção na sala de aula, de forma crítica, reflexiva e que permitisse aos alunos reformularem percepções de si, do seu entorno e, sobretudo, pudessem avançar nas interações com os outros - pessoais, estudantis e profissionais - movidos nos estudos, permeados pelo diálogo, reflexões e capazes de gerar mudanças de pensamento e atitudes. Primou-se por uma participação ativa dos alunos(as) em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem, a fim de que a sala de aula pudesse configurar-se em um espaço para as possibilidades de produções artísticas e a interação nos estudos pudessem constituir-se em indicadores da apropriação dos conceitos trabalhados e o empoderamento dos envolvidos por uma tomada de consciência mais elaborada. Tanto nas produções dos alunos quanto no processo de criação e elaboração, as interações dos alunos expressavam a necessidade de aceitação e respeito absoluto à dignidade humana, o que enriqueceu o percurso em sala de aula. Identidade foi o território no qual se inseriram os estudos durante aquele semestre e nas propostas de produção artística, nas quais eram oferecidos materiais aparentemente comuns: tiras de tecidos, tintas, pincéis, jornais e tesouras. Além da leitura do editorial do DC intitulado ‘A intolerância mata’, ‘varais poéticos’ com textos de autores(as) de literaturas de diversas épocas e estilos foram realizados para apreciação, fruição e exercícios de escrita e ilustração. Citaria como importante referência uma sessão de apreciação seguida por uma ‘roda de conversa’ a partir de um vídeo do Instituto Arte na Escola que apresentava a ancestral arte do bordado em abordagens de criação mais contemporâneas, aplicadas à formação de adolescentes em um colégio no Rio de

Janeiro⁷. A nutrição estética e ampliação de repertórios, transportou usuais instrumentos como tesouras, tintas, estênceis feitos com papéis recortados, pincéis, rolinhos e pedaços de esponja etc, aliadas aos percursos muito próprios de cada aluno(a), para ferramentas que possibilitaram a produção de uma assemblagem⁸: um trabalho coletivo feito em um tecido de algodão cru de quase quatro metros quadrados na qual os alunos puderam pintar, carimbar, gravar, bordar, tecer, expressar seus discursos em um movimentado, delicado e potente processo de criação artística. Breve pausa na qual ainda consigo lembrar cenas, falas, expressões nas faces dos alunos e o trabalho que constituía-se nas manchas de cores, traços, colagens e gravações; Produção que revelava nas suas distintas camadas a aquisição de repertório conceitual, técnico e de procedimentos por parte daqueles jovens e adultos do Ensino Médio da EJA... E, sobretudo, evidenciou a assimilação de conhecimentos do universo das artes, de artistas e linguagens que compõem o léxico da disciplina que leciono. Buscou-se na organização das sequências didáticas oportunizar uma formação intelectual de excelência, de empoderamento, ética e estética, cidadã, cultural e mais humana. O que constitui-se em um desafio de grandes proporções em nossos dias quando apoiada em bases que buscam o desenvolvimento de um senso crítico como proposto no bojo da Pedagogia Histórico-Crítica. E a abordagem de questões voltadas à temática da intolerância, dos seus violentos e destrutivos desdobramentos em sala de aula em uma prática pedagógica de caráter emancipatório, primando por processos legitimamente formativos e autorais aos alunos da EJA - pessoas que já passaram por processos de exclusão em tempos outros e ao retornarem à escola, esperam no mínimo acolhimento. Mas, não somente... Conhecimento! Tomando a questão central de como a educação poderia fortalecer a promoção dos Direitos Humanos na sociedade? E como implementar um ensino de Artes contextualizado com questões relevantes à (trans)formação humana? Quais conteúdos seriam pertinentes e como aliá-los em práticas pedagógicas que pudessem contribuir qualitativamente no desenvolvimento dos alunos do Ensino Médio da EJA? Questões que seguem latentes em tempos desafiadores no que se refere à formulação de um currículo para o Ensino Médio. E um Ensino Médio da EJA... Busquei traçar breves, porém pontuais aproximações da concepção pedagógica proposta por Saviani: a Pedagogia Histórico-Crítica. Na qual a educação constitui-se elemento fundamental na mudança de paradigmas e de valores sociais, e a escola constitui-se como espaço possível e

⁷ "A bordadura nas artes visuais" foi um projeto desenvolvido pela professora Mariana Guimarães com uma turma de adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da UFRJ; a professora-artista-propositora utiliza o bordado como instrumento para a reflexão sobre a construção da identidade e da individualidade por meio da poética (Disponível no Youtube).

⁸ Manifestação artística característica do século XX que transita entre a bi e a tridimensionalidade, aliando pintura, desenho, bordado, à inserção de materiais, objetos e intervenções diversificadas diretamente no suporte.

essencial para o desenvolvimento dos indivíduos em um processo de humanização. E no CEJA/Criciúma a educação pautada nos Direitos Humanos e nos valores humanos universais faz-se permanente, contínua e segue nas suas diretrizes. Procurou-se apresentar a sala de aula enquanto espaço para o ensino-aprendizagem em Artes e algumas vivências que apresentaram possibilidades de aprendizagem, desenvolvimento, experimentações criativas, carregadas da poética pessoal, da expressão dos alunos. Não poderia furtar-me de destacar a contribuição da pedagogia histórico-crítica por conta da contradição que marca a educação escolar na sociedade do capital, e o que pode acontecer em sala de aula quando o professor(a) assume um posicionamento na luta pela efetivação do papel de uma escola que age/funciona em defesa dos interesses da classe trabalhadora, realidade da quase totalidade dos alunos(as) da EJA em nosso país. Ao tomar no seu trabalho pedagógico cotidiano como referência a centralidade do saber objetivo, a fim de produzir, direta e intencionalmente, em cada aluno singular, o domínio dos conhecimentos plenamente desenvolvidos pela humanidade ao longo da história. Na busca de favorecer o desenvolvimento de pessoas menos preconceituosas e violentas, capazes de conviver de maneira mais harmoniosa, democrática, com mais aceitação da diversidade, de abertura ao diálogo, parte-se de uma prática pedagógica “que consiste na socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas.” (Saviani e Duarte, 2012, p.02) Como professor, insistiria no sonho de uma escola promotora da paz e do respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. Uma escola ‘do ensino’ e que ‘ensine’. Na premissa de Marx do trabalho enquanto categoria que define o ser social, na escola enquanto recorte da sociedade, realizamos o trabalho de professor(a) de artes. Produzimos nossos meios de subsistência e (re)existência, sejam estas de ordem material ou simbólicas. A arte é da ordem das delicadezas - parecendo pequena - mas, as questões estéticas, estéticas e éticas são (ou deveriam ser) priorizadas na formação humana... A fim de não estender-me, traria a arte de Sonia Gomes (1948), artista que trabalha com a produção de esculturas e instalações concebidas em práticas e fazeres que emergem dos materiais que cruzam seu caminho: (re)formulando obras que fornecem novos sentidos para o que está no mundo. Dotada de singular intuição, Sonia amarra, rasga, tece, borda, costura, suspende, (re)cria tradições, ancestralidades que cruzaram o Atlântico e aportaram novos caminhos nessa tecitura que é a nossa terra. E a escola, nosso território, enquanto professore(as), formadores da humanidade nos humanos, capazes de vivificar e propor novos sentidos para o que está no mundo, seguimos: cientes que as contradições, incertezas e conflitos são inerentes ao ‘existir humano’.

Palavras-chave: Direitos Humanos, Diversidades, Educação de Adultos, Pedagogia Histórico-Crítica e Ensino de Artes.

REFERÊNCIAS

Cunha, Rodrigo Carvalho da, Maldaner, Jair José e Cavalcante, Rivadavia Porto. **Pedagogia Histórico-Crítica e educação em direitos humanos: contribuições e alternativas para uma cultura de respeito no contexto da formação humana e integral.** Debates em Educação - Revista do PPGE da Universidade Federal de Alagoas. Vol. 01 nº 26 jan/abr. Alagoas: 2020. Disponível em <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8478/pdf>> acesso em 05/10/2023.

Duarte, Newton e Martins, Lígia Márcia. (Orgs.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias.** Apoio técnico Ana Carolina Galvão Marsiglia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

Editorial. **A intolerância mata.** Diário Catarinense, Santa Catarina. Ano 31 n.10.972 Terça-feira, 14 jun. 2016. p.22.

GADOTTI, Moacir. **Um minuto de silêncio diante de um “dique de paz”.** In: Revista Pátio. Artmed: São Paulo ano XIII n.49 fev/abr 2009. p. 48-49

Lavoura, Tiago Nicola. **Porque é necessário o trabalho educativo fundamentado na pedagogia histórico-crítica nas escolas do campo e do mst?** Germinal: Marxismo e Educação em Debate. v.7 n.1 p.121-131, Salvador: nov. de 2014. Disponível em <<https://rigs.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9509/9508>> Acesso em 05/10/2023.

Saviani, Demerval e Duarte, Newton Alvarenga. (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.** Campinas: Autores Associados, 2012.

TINOCO, Fátima Vieira. **Siron Franco: arte e cultura.** (Material educativo do professor propositor DVD Teca Arte na Escola) Coord. Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.